



## JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E A LITERATURA DE O *LIVRO DAS NOIVAS* (1896)

Deivid Aparecido COSTRUBA<sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta do artigo visa fazer uma leitura do *Livro das Noivas* (1896), de Júlia Lopes de Almeida, investigando qual era a imagem da mulher para a autora. O livro foi importante em sua época, pois aconselhava, recomendava, repudiava, execrava, divertia e orientava as atitudes das mulheres que nele tinham a ambição de instruir-se. Além disso, o mesmo teve grande vendagem à época e diversas reedições pela livraria Francisco Alves. Este trabalho da escritora é importante para o historiador, pois representa a imagem da mulher segundo Júlia Lopes de Almeida, visão que norteou muitos lares no início do século XX.

**Palavras-chave:** Instrução Feminina no Oitocentos, História e Literatura, História das Mulheres no Brasil, Júlia Lopes de Almeida.

No final do século XIX, o Brasil passava por transformações muito rápidas em diversos campos: na política, na economia e na cultura. Depois da abolição da escravidão e posteriormente da proclamação da República, o país defrontou-se com uma profunda crise de valores, consequência do processo de urbanização, industrialização e instauração do recém adquirido sistema de trabalho livre e assalariado. As mulheres também mereceram destaque nesta conjuntura. Na luta pela emancipação e posteriormente ao direito de voto, buscaram igualar-se aos homens em relação ao acesso à instrução. Foi sob a égide da *Belle Époque*<sup>2</sup> que esses interesses se confrontaram e se intensificaram.

A capital da República experimentava novos ares do cosmopolitismo e o anseio por uma sociedade cada vez mais "civilizada". A elite brasileira, que se incluía no rol de países periféricos em relação ao Velho Mundo, imitava e copiava as referências

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Mestrando – bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior). [costrubahistunesp@hotmail.com](mailto:costrubahistunesp@hotmail.com)

<sup>2</sup> O livro referência para quem estuda os aspectos da vida social e cultural no Rio de Janeiro é o do pesquisador NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Deve-se salientar a cena principal da *Belle Époque*, aquela em que os endinheirados e ricos usavam artigos importados (especialmente franceses) e se divertiam em clubes de luxo ou assistindo peças de teatro e ópera; da cena dos bastidores daquele mesmo momento histórico, dos excluídos sociais que moravam na periferia aonde as condições eram insalubres.



estéticas, culturais e literárias que provinham da Europa. Dentre os inúmeros acontecimentos do período, destacaram-se os movimentos sociais, a vida em sociedade, as novidades na medicina e na astronomia, as realizações da aeronáutica, os novos ambientes de diversão, a reordenação do carnaval e o cinema incipiente.<sup>3</sup>

Foi nos primeiros anos da República que nasceu o movimento social e sindical brasileiro, do qual participavam imigrantes anarquistas e socialistas. Esses fundaram inúmeros jornais como: *O Golpe e Tribuna Operária* (1900); *Incendiário, O Libertário e Gazeta Operária* (1902); *Brasil Operário, A Greve e O Trabalhador* (1903), *Kultur, O Libertador, União Operária* (1904); *Novo Rumo* (1905); *O Povo, Gazeta Operária* (1906); *Avante, Liberdade, O Lutador, O Operário, Sociocrata, A Voz do Trabalhador – Órgão da Confederação Operária Brasileira* (1908); *O Independente, A Tribuna do Povo* (1909) e *O Baluarte e Correio Operário* (1910).

Na vida social, assinalou-se mudanças no vestuário, nos comportamentos, na urbanização da cidade (estilo *art nouveau*),<sup>4</sup> nos lugares tipicamente freqüentados, como a Rua do Ouvidor e posteriormente a Avenida Central (hoje Rio Branco). O modismo francês também figurou nas pretensões da era dourada, que influíra na literatura, com a leitura de alguns clássicos franceses (*Ponson Du Terrail, Ernest Feydeau, Balzac, Musset, André Chenier, George Sand*), bem como na educação.

As inovações na medicina foram sentidas. Repercutiram no Brasil as experiências do físico alemão, Wilhelm Conrad Roentgen, em 1896, que testara eletrodos catódicos e descobrira a radiação “X”, com isso, patenteou sua descoberta sob nomeação homônima.

Na astronomia, surgiram idéias que revolucionaram as teorias básicas da Física de até então e houve um alvoroço pela possibilidade de aparição do cometa *Halley* em 19 de agosto de 1910.

Para Nelson Wanderley, a primeira década do século XX foi significativa para a aeronáutica, pois foi o

...período em que o homem realizou a conquista definitiva do espaço aéreo resolvendo, de forma prática, o problema da dirigibilidade dos

<sup>3</sup> As informações a respeito destes inúmeros acontecimentos foram extraídas de COSTA, Luiz Antônio Severino da. *Brasil 1900-1910*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980.

<sup>4</sup> Na arquitetura a *art nouveau* foi um estilo floreado, em que se destacam as formas orgânicas inspiradas em folhagens, flores, cisnes, labaredas e outros elementos.



balões e foi o período em que o homem, pela primeira vez, se deslocou pelos ares utilizando aparelhos mais pesados que o ar... a figura genial do inventor brasileiro Alberto Santos-Dumont. (WANDERLEY, 1980, p.105).

Os irmãos *Wright*, norte-americanos que tinham realizado experiências com o seu aeroplano na cidade de Kitty Hawk, na Carolina do Norte foram importantes para o desenvolvimento dos aéreos-modelos na época.

Na diversão, momento em que a sociedade fluminense viveu seu auge, a sociedade passou a frequentar confeitarias (a Cailteau, a Castelões, a Pascoal, a Colombo e o Café do Rio), teatros, salões, corrida de cavalos, saraus, as primeiras partidas de futebol (que datam de 1897), conferências, concertos etc.

O Carnaval desde o antigo entrudo, os cordões e até as festas coloridas de salão, foi digno de publicações em inúmeros periódicos da imprensa e conquistou o título de uma das festas mais animadas do Brasil. Para a pesquisadora Maria Clementina Cunha, o Carnaval era a idéia de uma festa intimamente associada à imagem da nação e conferiu à mesma a capacidade de expressar a originalidade e esboçar o perfil daquilo que faz os brasileiros diferentes dos demais (CUNHA, 2001, p.13). As festas carnavalescas eram tão festejadas no começo do século que chegavam a ser apoteóticas, não só pelo entusiasmo, mas também pela admiração que as motivava. Para participar dos folguedos, os foliões dirigiam-se às lojas de disfarces e escolhiam inúmeras fantasias, que podiam ser: Arlequim, Bebê-Chorão, Bruxa, Burro, Chicard (tipo elegante), Cigana, Colombina, Diabo, Dominó, Escocês, Esqueleto, Fada, Índio, Palhaço, etc.

Outra atração que também empolgava os brasileiros era o cinema. Este fora trazido para o Brasil depois de sua descoberta, realizada pelos irmãos *Lumière*, no dia 28 de dezembro de 1895. Sua primeira sessão pública foi realizada em 8 de julho de 1896, em uma sala da Rua do Ouvidor, junto ao *Jornal do Comércio*. A nova invenção foi nomeada de várias formas como omniógrafo, animatógrafo, vidamatógrafo, vitascópio e cinematógrafo. Os primeiros cinemas que se fixaram na capital federal exibiam filmes que continham cenas de Paris e de cidades da Europa, o que deixou todos entusiasmados, visto que o Velho Mundo era o ponto de referência da época.

Todas as transformações no ambiente social, político, cultural e intelectual do período fizeram da então capital federal um misto de azáfama e agitação.



Segundo Margarida Neves, “vertigem e aceleração do tempo. Esta seria, sem dúvida, a sensação mais forte experimentada pelos homens e mulheres que viviam ou circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX” (NEVES, 2003, p. 15).

Em suma, segundo o historiador Jeffrey Needell, a *Belle Époque* na cidade do Rio de Janeiro compreendeu o período entre 1898 e 1914 e foi considerada uma era de ouro da beleza, com profundas transformações culturais que traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano.

Neste contexto da bela época carioca, Júlia Lopes foi uma das grandes responsáveis e incentivadoras da instrução feminina no país. Em um breve relato apresentar-se-á a biografia da literata aqui retratada, pois é difícil separar sua vida intelectual, pessoal, matrimonial e de mãe.

A escritora Júlia Valentina da Silveira Lopes<sup>5</sup> nasceu no dia vinte e quatro de setembro de 1862 no casarão da Rua do Lavradio nº53, no Rio de Janeiro. Filha de Antônia Adalina Pereira, natural de Lisboa e do médico português Valentim Lopes. Primeiramente a família mudou-se para Nova Friburgo, na qual com poucos anos de idade Júlia aprendeu a ler e escrever com a mãe. Após a estada em Nova Friburgo, a família mudou-se para a cidade de Campinas em 1869. Desde menina, Júlia demonstrou forte inclinação para as letras, embora em seu tempo, não fosse de bom tom e do agrado dos pais uma mulher dedicar-se à literatura. Quando pequena, foi delatada por sua irmã ao seu pai porque fazia versos: ”- Papá, a Júlia faz versos! [Ao que Júlia confessa]: (...) tinha uma grande vontade de chorar, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias”. (RIO, 1994, pp. 28-37)

---

<sup>5</sup> Os registros biográficos, bem como as informações sobre a obra de Júlia Lopes de Almeida foram extraídas de: DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004 e. “*A Mensageira*”: Uma Revista de Mulheres Escritoras na modernização Brasileira. Campinas, SP: [s.n.], 1999. Vol.2; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711 – 2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002 e *Panorama da Literatura Infantil/Juvenil: Das Origens Indo – Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 1991; BRASIL, Érico Vital & SCHUMAHER, Schuma (org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000; COUTINHO. Afrânio, SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989; RIO, João do. Um lar de artista. IN:\_\_\_\_\_. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994. (p. 28-37); MOREIRA, Nadilza M. B. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. (Tese de doutorado). São José do Rio Preto: Unesp/Ibilce, 1998; bem como conversas por email com Nadilza Moreira, pesquisadora que terminou seu pós-doutorado sobre Júlia Lopes de Almeida. Além disso, procurou retirar informações da vida de Júlia em sua volumosa produção literária.



A sua condição feminina a impedia de escrever, pois a pressão e coerção social a amedrontavam. Nas palavras de Júlia:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura de papel uma porção de rimas (...) De repente, um susto. Alguém batia a porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: Já vai! Já vai! (RIO, 1994, p. 29)

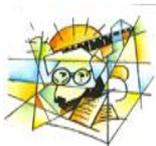
Na mesma Campinas, Júlia iniciou sua carreira literária no jornal *A Gazeta de Campinas* em sete de dezembro de 1881. Cabe destacar que a citação acima faz parte da resposta dada por Júlia Lopes sobre sua infância e educação a João do Rio<sup>6</sup> em um inquérito no qual o cronista entrevistou grande parte da intelectualidade da época, momento em que esses literatos responderam sobre literatura, jornalismo e profissionalização do homem de letras.

A escritora colaborou ainda em jornais e revistas femininas e na revista *A Semana*, editada no Rio de Janeiro e dirigida por Valentim de Magalhães e Filinto de Almeida<sup>7</sup>, jovem escritor português. Desta relação nasceu um romance entre Júlia e Filinto. Após o casamento dos dois, em 28 de novembro de 1887 na cidade de Portugal, o casal voltou para a cidade de Campinas e anos depois mudaram para o Rio de Janeiro.

---

<sup>6</sup> Intelectual importante na virada do século XIX para o XX, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, publicou inúmeras obras como o referido inquérito (VER RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994), além de outras obras que as glórias e as misérias do Brasil republicano em plena Belle Époque (VER RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997).

<sup>7</sup> Francisco Filinto de Almeida nasceu na cidade do Porto, em Portugal, no dia 4 de Dezembro de 1857. Desembarcou a 15 de janeiro de 1868 na cidade do Rio Grande, quando tinha dez anos de idade e de lá transferiu-se para o Rio de Janeiro, e aportou na cidade em 17 de abril do mesmo ano. Empregou-se como caixeirinho em uma papelaria. Estreou como literato aos 19 anos, ao escrever o entre ato cômico *Um idioma*, que foi representado em 16 de julho de 1876 no Teatro Vaudeville. É provável que antes houvesse colaborado em jornais e revistas. Em 1887, publicou *Os mosquitos*, monólogo cômico em versos e *Lírica*, composições de 1810 a 1887. Fundou com Valentim de Magalhães o jornal literário *A Semana*, em que escreveu, de 1886 a 1887, crônicas hebdomadárias, com o pseudônimo de Filindal. Redator de *O Estado de S. Paulo*, de 1889 a 1895. Deputado à Assembléia Legislativa de S. Paulo, de 1892 a 1897. Escreveu, em colaboração com a esposa em folhetins no *Jornal do Comércio*, o romance *A Casa Verde*. Foi considerado brasileiro em virtude da lei da grande naturalização. Esta referiu-se ao procedimento adotado pela Constituição de 1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64, § 4º estabelecia que seriam considerados "cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem". O marido de Júlia Lopes de Almeida foi ainda um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e ocupou a cadeira de nº3, cujo patrono foi Artur de Oliveira, de quem fora amigo. Filinto morreu em 28 de janeiro de 1945 de insidiosa moléstia na então Capital Federal – RJ.



A estreia da escritora na vida literária foi com a produção *Contos Infantis* (1886). Uma obra de sessenta narrativas em verso e prosa, escritas em colaboração com sua irmã, Adelina A. Lopes Vieira e destinadas à diversão e instrução da infância. Com o sucesso imediato, publicou também outras obras dentro da linha nacionalizante e didática. São exemplos *Histórias de Nossa Terra* (1907), *Era uma vez* (1917) e *Jardim Florido* (s/d).

Júlia teve apoio do marido e incentivo para seguir na carreira literária. Em 1891, iniciou como romancista em *A Família Medeiros* (publicado em folhetins na *Gazeta de Notícias* – RJ e livro em 1919). Seguiu-se vários outros títulos: *A Viúva Simões* (1897); *Memórias de Marta* (1899), *A Falência* (1901), alternadas com peças de teatro que eram representadas, em geral por grupos amadores em saraus sociais. “Com seu novo livro *A Falência*, a sra. D. Júlia Lopes de Almeida toma decididamente lugar ... entre os nossos romancistas.” (VERÍSSIMO, 1910, pp. 141-151). Atenta à condição da mulher na sociedade, em 1906, publicou o *Livro das donas e donzelas*.

Um de seus livros de maior repercussão foi *Correio da Roça* (1913). Com uma linguagem simples em forma epistolar, fez apologia da vida no campo em contraposição à vida fútil da cidade. Tudo isto, porque no início do século XX, as mudanças da *Belle Epoque* fazem com que trabalhadores deixem o campo (êxodo rural) para ir para a cidade, preocupando as autoridades.

Júlia Lopes de Almeida deixou uma obra vasta e extensa que analisou a vida cultural, social e política de sua época. Enfrentou críticas que possibilitaram a ela uma melhor formação intelectual. Alguns desses críticos formavam uma tríade: José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. O primeiro sempre elogiava os trabalhos de Júlia:

Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas dois autores de obra considerável e de nomeada – D. Júlia Lopes de Almeida e o Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe (sic) prefiro de muito D. Júlia Lopes. (VERÍSSIMO, 1919, pp. 217-220)

Os dois últimos a ignoravam completamente como atestavam seus respectivos estudos críticos literários sobre a literatura brasileira. Agripino Grieco, crítico literário posterior, considerou a escritora como de menor porte, ao ressaltar que suas obras eram



“(...) epopéias domésticas que foram nossa *Bibliothèque Rosé*”. (GRIECO, 1947, pp. 129-146)

Julia faleceu em 30 de maio de 1934, de malária, adquirida em viagem à África ao visitar uma das filhas, Lúcia Lopes de Almeida Noronha. Morreu aos setenta e dois anos quando escreveu seu último romance *Pássaro Tonto* (1934). Mesmo depois de sua morte Júlia foi reconhecida pelos seus pares, que lhe trataram carinhosamente como “D. Júlia”. Segundo Lúcia Miguel Pereira:

Júlia Lopes de Almeida, na verdade, é a maior figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu com os críticos e com o público; todos os seus livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos (PEREIRA, 1957, pp. 255-271).

Acreditou-se oportuno o painel biográfico da escritora acima retratado neste trabalho, mas a discussão que será feita a seguir é a posição da escritora em fins do século XIX e começo do XX em relação ao ensino, momento este, que escreveu a favor da instrução das moças oitocentistas.

Esta instrução se deu em alguns livros da escritora, mas a análise aqui proposta será feita em apenas um deles, o compêndio intitulado *Livro das Noivas* (1896). A necessidade de se escrever um livro deste porte se deu no quadro de mudanças em que se encontrava a capital fluminense, pois havia um processo de transição da sociedade, na qual ela passaria de uma sociedade senhorial, de base essencialmente agrária, para uma burguesa, progressivamente urbana e industrial.

Neste sentido, as mulheres se dedicariam e se adaptariam às novas relações sociais da cidade, bem como aos desafios da educação e formação profissional, em contrapartida a vida anterior a esta mudança, em que se dedicavam ao trabalho privado da casa. Sob a égide da República que alvorecia e preocupada com a reviravolta que ocorria no universo feminino a partir de então, Júlia Lopes de Almeida escreveu este primeiro livro voltado para as moças inexperientes que tinham a intenção de se casar.

O interessante no livro é o tom de intimidade que a escritora conduziu à narrativa. No momento em que chamou suas leitoras de amigas e deu seu próprio nome à personagem, quebrou todos os “muros” que cercam as leitoras e a escritora, no que se evidenciou o tom afetuoso de sua narrativa. Para respaldar este tom amigo da escritora, ela apresentou-se no livro como uma “velha conhecida” para suas leitoras. Aquela que



vivencia várias experiências que são comuns a todas as outras mulheres, entre elas, mães, moças, senhoras, noivas com quem Júlia procurou dialogar e ter uma íntima relação. Este modo ainda ressoa nas palavras “as minhas leitoras que me desculpem, lembrando-se que isto não é literatura, mas uma palestra apenas.” (ALMEIDA, 1905, p. 178).

O livro possui uma dedicatória, denominada “A Meu Marido” e essa passagem de amor pressupõe a paixão que a escritora nutria por Filinto com o qual foi casada por mais de quarenta anos. Seguem-se as palavras que a literata escreve ao seu marido:

Meu Filinto,

Lês na minh'alma como em um livro aberto. Não tenho pensamento que te não comunique, desejo ou sonho que te não exprima. Ninguém, pois, melhor que tu, conhecerá a sinceridade d'estas páginas singelas, onde de vez em quando os nossos filhos aparecem, e que te entrego, certa de que serão queridas ao teu coração. Não te dou um livro literário, mas dou te um livro sentido, o que segredei todas as minhas alegrias e tristezas.

Tu, que tens, com igual carinho e bom conselho, compartilhado de uma e de outras, acolhe-o bem, que vai nele todo amor da tua.

Julia. (ALMEIDA, 1905, p. 07)

O restante do livro é dividido em três partes. A primeira consiste nos seguintes ensaios: *O dia do casamento*, *Saber ser pobre*, *A roupa branca*, *A poesia da vida*, *Os doentes*, *Os livros*, *Bellas artes*, *Concessões para a felicidade*, *Os bailes*, *As jóias*, *Os pobres*, *Falta de tempo*, *Carta a uma noiva*.

Nestes ensaios o conselho foi dirigido às damas e donzelas nubentes, que aspiravam ensinamentos referentes ao grande dia de suas vidas, o casamento, bem como instrução em relação à convivência social, ao saber portar-se em situação de pobreza, observações referentes ao altruísmo e o principal eixo que praticamente em todas as suas obras pode-se encontrar, o incentivo a leitura. Percebe-se na narrativa uma preocupação em preparar as noivas para os conflitos e tramas que envolvem o casamento, o comportamento e os primeiros anos de vivência em uma situação de contubérnio.

O ensaio inaugural do livro é *O dia do casamento*, há uma reflexão sobre todas as aflições das noivas no momento em que antecede o grande dia. O momento de dúvida, resignação, felicidade, clamor é evidenciado pela escritora em um “estado



incerto, dúbio, o da noiva, ao ver aproximar-se a hora do seu casamento. Sente-se feliz; sente-se desditosa!” (ALMEIDA, 1905, p. 11).

O empenho da mulher no lar, de uma maneira geral, tende a ser característica universal para as aquelas que aspiram à felicidade. A responsabilidade da mulher para conduzir tal quesito ocasionará o prover de bons cidadãos para a pátria, quando mãe e maior exemplo de dignidade e de moral, quando esposas.

Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro! [...] A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige maior exemplo de dignidade e moral. (ALMEIDA, 1905, p.13)

Além disso, apesar de várias mulheres acreditarem que o papel das esposas e mães era ínfimo na sociedade, a escritora rebateu esta visão ao ressaltar que o papel que os homens confiaram-nas era sagrado, visto que este é incumbido pela sociedade que suplica bons cidadãos e anseia por maior exemplo de dignidade e moral. Segundo Júlia Lopes, “... com a educação superficialíssima que temos, não meditamos nisto, e levamos de contínuo a queixar-nos de que é nulo o papel que nos confiaram... Como poderíamos, todavia, encontrar outro mais amplo e mais sagrado?” (ALMEIDA, 1905, p. 13)

Ao concluir sua exposição o conselho é para que todas as mulheres amem seus maridos, para enfrentar os dias lúgubres e felizes do casamento.

Ama sempre teu marido, sem humilhação, com sinceridade e alegria. Está nisto o segredo da ventura na terra. Que ele te ame igualmente, com o mesmo extremo, o mesmo carinho, e caminhem assim, fortes, unidos e serenos para os dias de risos ou de lágrimas que hão de vir. (ALMEIDA, 1905, p. 14)

Outro ensaio importante na primeira parte do livro é o intitulado *Os livros*. Neste, Júlia condenou aqueles pais que não queriam enriquecer a cultura de suas filhas. Elas, sabendo que não poderiam tocar nos livros:

[...] começavam a mentir-lhes, lendo às ocultas no seu quarto, de noite. Perdem assim as horas consagradas ao repouso, tão necessário à saúde; de manhã estão pálidas, abatidas, nervosas, alegando uma doença qualquer, como desculpa dos olhos pisados e do cabelo em desalinho; sentam-se à mesa sem apetite, com um modo pasmado, a alma suja pelas novelas prejudiciais, insalubres, recheadas de aventuras românticas e de heróis perigosos ”(ALMEIDA, 1905, p. 36).



Assim sendo, os pais são os responsáveis por este desmazelo, nas palavras da escritora se:

[...] os pais as acostumassem aos bons livros; se, em vez de os apontar como nocivos, os buscasse como profícuos, escolhendo-os criteriosamente; se lhes fizesse compreender as mais brilhantes páginas da história, se guiasse os espírito indeciso das crianças pelo caminho honesto da verdade e da franqueza; se as fizesse estudar e meditar bons autores, apontando-lhes belezas ou defeitos, e criando-lhes uma educação perfeitamente sólida, e elas não leriam por certo contos mal traduzidos nem pouco morais e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto. (ALMEIDA, 1905, p. 36)

É notório que para a escritora de *Livro das Noivas* a leitura é fundamental para o bem-estar do lar e para o próprio bem-estar de sua vida social, sendo que os livros influenciariam diretamente na administração doméstica. Destaca-se a importância do livro e da estante da mulher leitora:

O livro é um amigo; nele temos exemplos e conselhos, nele um espelho onde tanto as nossas virtudes como os nossos erros se refletem. Repudiá-lo seria loucura; escolhê-lo é sensato.

A estante de uma mulher de espírito e de coração, isto é, de uma mulher habilitada a aprender e conservar o que ler; que souber que isso a instrui, a torna apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e largueza de vistas... (ALMEIDA, 1905, p. 38).

Esta primeira parte do livro pode nos revelar a preocupação de Júlia Lopes de Almeida em fins do século XIX. Ao entender que a escritora em questão era a voz de muitas mulheres que tinham a ambição de instruir-se. À época, ainda ligadas ao passado colonial, na qual pertenciam ao âmbito doméstico, às mulheres aceitavam a situação de donas de casa, mas almejavam a instrução, como meio de orientar os filhos<sup>8</sup>.

A segunda parte consiste nos seguintes ensaios: *A mesa, A cozinha, Os animais, As aves, Os criados, Notas de uma ménagère, Floricultura, Horticultura, Da sala à cozinha*. Nesses os ensinamentos retratados são para as mulheres que já estavam casadas, vivendo com seus maridos. As instruções recaem no aperfeiçoamento da

<sup>8</sup> Pode-se observar que na segunda metade do século XIX, a luta das mulheres era pela instrução. A partir das primeiras décadas do século XX, a luta passou a se tornar política e pela igualdade entre sexos. Como exemplo, é interessante ler a revista feminina *A MENSAGEIRA* para entender a luta pela instrução feminina em fins do século XIX. VER *A MENSAGEIRA: Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria Estadual da Cultura, 1987. Ed. Fac-simili, vol. I e II.



mulher em relação aos seus afazeres de *ménage*. Como se portar em determinadas situações domésticas, como organizar e disponibilizar os vários recintos da casa, como é a relação *ménage* e criado e dicas para as mulheres aperfeiçoarem-se em floricultura e horticultura.

No ensaio denominado *Notas de uma ménagèrie*, há a preocupação de como deve ser escolhida a residência da família e também de como desinfetar a casa se antes a mesma já ter sido habitada por outras pessoas. Como se daria este procedimento? Segundo Almeida, “[...] procura habitação arejada, clara, seca e, se pode ser, perto do arvoredo. Antes da mudança manda desinfetar a casa com todo o rigor, desde a porta da rua a do quintal” (ALMEIDA, 1905, p. 127). E ainda ressalta que “[...] procura saber se na casa morreu alguém e de que morreu. Nem é preciso ter morrido, basta ter havido algum doente de moléstia contagiosa para o perigo ser enorme” (ALMEIDA, 1905, p. 127).

A segunda parte do livro nos revela a preocupação da escritora com a higienização das famílias. Segundo Jurandir Freire Costa em *Ordem Médica e Norma Familiar*:

No século XIX, ..., a família oitocentista de elite, foi submetida a uma tutela do mesmo gênero (dependência para com os agentes educativo-terapêuticos). A medicina social, através de sua política higiênica, reduziu a família a este estado de dependência, recorrendo, o que é mais significativo, a argumentos semelhantes aos atuais. Foi também pretextando salvar os indivíduos do caos em que se encontravam que a higiene insinuou-se na intimidade de suas vidas (COSTA, 1979, p. 12)

Neste sentido, a escritora procurou instruir as famílias, os cuidados quanto a higiene do lar e suas dependências e orientar a escolha de uma casa para que todos os membros da família não se adoentassem. Por isso, a necessidade de investigar se na casa em que a família almeja mudar-se, já houve algum caso de morte ou moléstia contagiosa.

A terceira parte consiste nos seguintes ensaios: *Uma carta*, *Ser mãe*, *Entre dois berços*, *As crianças*, *Educação*, *Carinhosa hospitalidade*, *Carta de uma sogra*. Essa última parte finaliza a sequência de pensamentos da autora, no qual a mulher já se preparou para o matrimônio; já sabe administrar um lar, tanto do ponto de vista físico – como a disposição dos móveis pela casa – quanto à relação da esposa com o conhecimento, bem como o trato aos seus criados. Porém, ainda há uma última



preocupação com a incumbência de instruir as damas para ser mãe. Como uma mãe deve se portar? Como educar seus filhos? E como às vezes uma sogra pode representar o papel de mãe de uma nora.

Neste último percurso, merece destaque o texto intitulado *Ser Mãe*. Neste, o ideal de mulher é aquela que abdica de alguns prazeres que lhe aprazem para dedicar-se exclusivamente nesta tarefa que é cuidar dos filhos. Segundo Júlia:

Ser mãe é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegância; é deixar de aparecer nos bailes em que a vigília se prolonga, o espírito se excita e o corpo se cansa no gozo das valsas; é não sair sem temer o sol, o vento, a chuva, na desgraçada dependência do terror imenso de que sua saúde sofre e reflita o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em sonos curtos, leves, com o pensamento sempre preso a mesma criaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magoa os braços, que a enfraquece, que a enche de sustos, de trabalho e de prevenções – mas que a faz abençoar a ignota Providência de a ter feito mulher, para poder ser mãe! (ALMEIDA, 1905, p. 172)

Percebe-mos que a imagem da mulher/mãe para a escritora nesta terceira parte é a visão tradicional de uma mãe burguesa em fins do século XIX. A mãe que abdica de seus afazeres para cuidar do filho. Percebe-se nas entrelinhas da citação acima a prática comum que a sociedade de elite possuía de freqüentar salões e festas, costume muito bem retratado no livro de Jeffrey Needell.

Ao concluirmos, percebeu-se que neste livro<sup>9</sup>, Júlia Lopes de Almeida confrontou-se com duas responsabilidades: primeiro, preservar a imagem da mulher de mãe zelosa e afável, e segundo, a tarefa incumbida a ela por sua atual situação à época – a de ser o maior nome entre as mulheres intelectuais do país. Neste sentido, Júlia Lopes foi a transmissora de um padrão de instrução para estas damas e donzelas de fins do século XIX. Como mencionou Ana Maria Magaldi, “... D. Júlia tinha experiências que contrastavam com aquelas vividas pela maioria das mulheres. Dominava saberes que suas leitoras não tinham, e assumia a missão de transmiti-los” (MAGALDI, 2008, p. 82-85).

---

<sup>9</sup> Como o objetivo deste artigo é apenas mostrar alguns percursos desta pesquisa, não será possível uma análise minuciosa do *Livro das noivas* (1896), pois, essa será mais bem detalhada com a confecção da dissertação de mestrado, cujo título será “*Conselho às minhas amigas*”: A imagem da mulher na obra de Júlia Lopes de Almeida (1896 – 1910).



Esta missão que Júlia Lopes de Almeida incumbiu-se de ser a transmissora de saberes que a maioria das mulheres não possuía articulado com o momento da sociedade brasileira em transição no início da *Belle Époque*, foi a receita para que a obra aqui analisada tivesse sucesso de vendas e possuísse inúmeras reedições. Assim, a escritora de *Livro das Noivas* (1896) terminou a sua primeira incursão no campo da instrução feminina, e após dez anos, no compêndio denominado *Livro das Donas e Donzelas* (1906) prosseguiu com o objetivo de instruir a sociedade feminina da bela época.

---

**Abstract:** The purpose of the article aims to make a reading of *Livro das Noivas* (1896), written by Julia Lopes de Almeida, investigating what was the women image to the author. The book was important in its days, because it advised, recommended, abhorred, loathed, fun and guided the women's attitudes that had on it, the ambition to educate themselves. Moreover, it had a big selling on its time and the several editions by Francisco Alves bookstore. This writer's work is important for the historian, because it represents women image according to Júlia Lopes de Almeida, vision that guided many homes in the early twentieth century.

**Keywords:** Women's Education in the eighteenth century, History and Literature, Women History in Brazil, Júlia Lopes de Almeida.

---

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Júlia Lopes. *Livro das noivas*. 2ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1905
- BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.
- DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004.
- COUTINHO. Afrânio; SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.
- COSTA, Luiz Antônio Severino da (org.). *Brasil 1900-1910*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980.
- \_\_\_\_\_, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GRIECO, Agripino. Contistas maiores e menores. IN: \_\_\_\_\_. *Evolução da prosa brasileira*. São Paulo: José Olympio, 1947. v.3.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Assim falou D. Júlia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº38, p.82-85, 2008.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX”. IN: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente: Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Vol. 01. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.

VERÍSSIMO, José. Um romance da vida fluminense. IN: \_\_\_\_\_. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

\_\_\_\_\_. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.

WANDERLEY, Nelson Freire Lavenere. “A aeronáutica no período 1900 – 1910”, in: COSTA, Luiz Antônio Severo da (org.). *Brasil 1900-1910*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980.

Recebido para análise em 02/06/2009  
Aceito para publicação em 23/09/2009